

Xirê: uma performance corporal de restauração da energia vital

Tatiana Maria Damasceno

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professora assistente do Departamento de Arte Corporal

Resumo: Axé, energia vital presente em todos os elementos da natureza. A *performance* do corpo-orixá no ritual do xirê gera e dilata o axé, a energia primordial, que se configura na festa pública através de formas simbólicas de comunicação. Este estudo tem por objetivo discutir a *performance* do corpo-orixá como uma dramatização que produz e veicula o axé no sentido de restaurar, marcar e modificar a energia física, mental, espiritual e social dos atores participantes do ritual. A restauração da energia possibilita, no cotidiano, a propagação de saberes, de procedimentos e de memórias. O corpo dilatado do frequentador do candomblé, na prática do dia-a-dia, *performa* atitudes, posturas, gestos e movimentos que preservam a sua identidade sócio-cultural.

Palavras-chave: Axé, Performance, Orixá, Restauração.

Clifford Geertz, no trabalho *A Interpretação das Culturas*, considera que as religiões fornecem as matrizes dos modelos para estar no mundo. Segundo o autor, “a religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral” (1989, p. 67). Cada grupo social recorta e elege alguns símbolos, os modos de ser e de agir, os espaços e as datas para formar a sua memória, ou os eventos de memória. Esses eventos serão meticulosamente construídos e, em geral, ritualizados com vista a torná-los simultaneamente únicos, repetíveis e atualizáveis.

O candomblé, criação brasileira, constitui um sistema harmonioso e coerente de representações coletivas e rituais. Nos terreiros de candomblé; os deuses africanos, chamados de orixás, são cultuados. Desde a África, a religião irradia os valores que promovem a harmonia social, sedimentando não só a interação do indivíduo com o coletivo, como também do coletivo com o espaço natural.

Os orixás que protegem os seres humanos não são entidades distantes do nosso cotidiano. Ao contrário, fazem-se presentes nos rituais privados e públicos e vêm dançar conosco para celebrar a vida, em uma festa de ritmos, danças, cores, odores e comidas. O orixá significa a própria razão de ser do candomblé. Divindade detentora do axé, a força pura e imaterial que promove e garante o movimento na vida do filho-de-santo e, assim, da coletividade que compõe o terreiro.

O axé

No candomblé, axé é compreendido como energia vital, presente em todos os elementos da natureza. Uma força que assegura a existência dinâmica. Sem axé não

haveria existência, pois é o princípio que torna a vida possível. O axé pode ser transmitido a outros objetos ou seres humanos. Segundo Mapouli (1943, *apud*, ELBEIN DOS SANTOS, 2001, p. 39), esse termo “designa em Nagô, a força invisível, a força mágico-sagrada de toda *divindade*, de todo o ser animado, de toda coisa”. O axé possibilita que a existência desabroche, venha a ser. Essa força é intermediada pelos orixás e o seu recebimento, um dos principais objetivos de várias atividades religiosas. No candomblé, essa força invisível, o axé, é desencadeada ou dinamizada através de certos rituais.

Nesse sentido, os adeptos procuram manter essa força equilibrada através da relação que estabelecem com o seu orixá; que, por extensão, denota que: o axé restaurado individualmente transborda não só para a vida espiritual e social cotidiana do indivíduo, como também fortalece o coletivo religioso do terreiro. No entanto, não se pode esquecer que no candomblé a manutenção do equilíbrio, ou a sua busca, está diretamente relacionada à manutenção do equilíbrio entre o mundo invisível (Orum / morada dos orixás) e o mundo visível (Aiye / a terra). O equilíbrio entre esses dois níveis garante a harmonia cósmica e de toda vida na terra, inclusive, da vida pessoal dos indivíduos. Todo acontecimento envolve os dois níveis da existência: Orum e Aiye. Segundo Santos (2001), o equilíbrio entre esses dois mundos precisa ser criado e mantido permanentemente. A sua manutenção depende da dinâmica dos rituais. Isso significa que algumas forças são restauradas; enquanto outras, atenuadas. Para se ter muito axé, o adepto precisa estar em dia com suas obrigações e deveres. O iniciado também acredita receber axé na medida em que atua no terreiro, através da ajuda financeira para uma obrigação, da participação nos xirês, nos diferentes rituais de matança e outros.

Dessa forma, o conceito de axé abarca as experiências individuais e coletivas, dos adeptos e dos simpatizantes do terreiro. É comum os barracões, em festas ou não, receberem a visita de clientes que se identificam com o proceder da casa ou com alguma entidade específica. E, por causa disso, passam a ajudar a casa materialmente, sem sequer ter se submetido a algum ritual. As mães ou pais-de-santo agradecem a esses indivíduos proferindo palavras, cantos ou poemas que saúdam seus orixás. Também podem presentear-los com algum amuleto ou fio-de-conta. O axé não é simplesmente dado, ele se faz em uma relação de troca. Ele é conquistado, atualizado, restaurado e transmitido permanentemente a cada ritual, tecido por diferentes fazeres e dizeres. A tradição religiosa cuida para que esse processo aconteça dentro de uma determinada ordem. Assim, acreditamos que o ritual do xirê, no qual o corpo-orixá performa seus mitos, seja também um dos grandes momentos de geração e distribuição do axé.

O ritual do xirê

Dentre os vários rituais do candomblé, poderíamos dizer que o xirê representa o ápice de uma série de rituais destinados aos orixás homenageados e àqueles que fazem parte de suas relações míticas. A festa, desde a sua preparação, mobiliza, envolve e integra um todo funcional: o sistema de posições e de papéis dos participantes que caracteriza a estrutura e a morfologia social do candomblé. Segundo Luz (2000), o xirê significa a parte da liturgia que celebra o sucesso das obrigações particulares, as que permitem a continuidade e a expansão do existir.



Foto 1 – A performance do orixá Oxóssi no xirê.

O xirê se processa através da interação entre vários elementos: o canto, a dança, a palavra, o som, a música, o público, os adeptos e a comida. Essa relação, entre meios materiais e simbólicos, cria a correlação dinâmica necessária para a transmissão do axé. Juana Elbein dos Santos (2001) enfatiza que o axé é transmitido através de gestos, de palavras proferidas acompanhadas de movimentos do corpo, que envolvem a respiração, as secreções, o hálito e alguns ingredientes¹. A palavra é condutora do poder do axé na medida em que é pronunciada, em que é som. No xirê, o som da palavra, da música e dos instrumentos, junto à performance corporal do iniciado, desencadeia o movimento necessário para se efetuar a comunicação entre o Orum e o Aiyê. Essa corrente energética instaura, pouco a pouco, um tempo passado no tempo presente. Segundo Roger Bastide (2001), a fala deve gerar a mobilidade própria do ritmo, ao criar movimento, fluxo, deslocamento. Só por meio do movimento pode-se atingir os deuses.

Lembremos que Exu representa o princípio do movimento e da comunicação. É ele o intermediário entre as relações dos homens com os orixás, através do movimento.

¹ Os Ingredientes são os materiais usados nos rituais. Ex: sal, mel, azeite doce ou de dendê, etc.

Essa intermediação mostra-se dinâmica e o corpo pertence a Exu Bara. Portanto, o movimento do corpo do iniciado produz a comunicação com os orixás e deste com os fiéis, pois mostra-se capaz de gerar energia tanto pela mobilidade dos órgãos internos (respiração, circulação etc.), como das partes externas. O visível e o invisível complementam-se na condução do axé.

A comunicação entre os orixás e os fiéis também se realiza por meio de gestos e dos movimentos do corpo. E, como gesto, podemos entender também a fala. “A fala é um verdadeiro gesto e contém seu próprio sentido, assim como o gesto contém o seu. É isso que torna possível a comunicação” (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 249). O gesto ritual mostra-se, ao mesmo tempo, produtor de signos e comunicador de sentimentos. O orixá mantém contato com os participantes do xirê através da performance dançante, das atitudes, das posturas e dos gestos de abraçar, tocar e até falar com determinadas pessoas, esteja ela participando da roda ritual ou compondo o quadro de espectadores. É de grande alegria para os adeptos do candomblé receber do orixá um abraço, um toque ou uma reverência. Afinal, o orixá é a divindade que se faz presente. A força viva sobrenatural da natureza. Muitas vezes, o orixá ao abraçar alguém, passa a mão no seu rosto suado e depois torna a passá-la no rosto da pessoa. Quando esses fatos acontecem, as pessoas sentem que estão sendo protegidas, acolhidas, olhadas e reconhecidas. Isso é transmissão de axé. Esses atos alteram, de forma positiva, os fatores físico, mental e emocional dessas pessoas, que ao saírem do ritual para vida cotidiana, experimentam um certo “estado de graça”; de fé, que as encorajam a continuar na luta do dia-a-dia, apesar dos ‘trancos e barrancos’ da vida.

A performance do orixá no xirê instaura no ritual um jogo cinético que desencadeia também o fluxo e o refluxo do axé. Esse fluir da energia se processa na liminaridade entre dois mundos – o Orum e o Aiyé – e uma das funções é restaurar o equilíbrio dos participantes do ritual, através do condensar, gerar e distribuir axé. Nesse jogo da performance ritual do orixá, faz parte também: entreter, ensinar, persuadir ou convencer, marcar ou mudar a identidade dos atores (SCHECHNER, 2003). Talvez por isso, a performance do orixá seja tão intensa na maneira de se expressar, de mostrar os movimentos e as formas com uma tensão especial que dilata o essencial a ser comunicado. Os movimentos são mais poderosos que os do cotidiano. A dança, como nos fala Roger Garaudy (1980), torna o deus presente e o homem potente. O corpo na performance do xirê preserva e condensa uma sabedoria pelos movimentos verbais e não-verbais, pelos ritmos e dinâmicas. Um saber corporal que ultrapassa os terreiros e se performa na prática do dia-a-dia, como uma estratégia, em que o adepto do candomblé edifica espaços e preserva a sua identidade sócio-cultural (TAVARES, 1984).



Foto 2 – Os orixás Iemanjá e Oxóssi no xirê

A energia gerada na performance ritual através da fala, do movimento, do som, da interação entre os participantes, e, principalmente, do encontro destes com os orixás, não se dissolve naquele ambiente. Num processo *continuum*, ela se expande para além da esfera ritual, vitalizando a vida cotidiana dos adeptos e simpatizantes, contribuindo significativamente com a propagação de saberes, de procedimentos, de lembranças e de memórias. A transmissão do axé garante a continuidade da vida do indivíduo e da estrutura comunitária e social do candomblé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTIDE, Roger. *O Candomblé da Bahia: Rito Nagô*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BENISTE, José. *Òrun Àiyé: O Encontro de Dois Mundos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- GARAUDY, Roger. *Dançar a Vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- ELBEIN DOS SANTOS, J. *Os Nagô e a Morte: Asésé e o Culto Égum na Bahia*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.
- LUZ, Marco Aurélio. *Agadá: Dinâmica da Civilização Afro-brasileira*. Salvador: EDUFBA, 2002.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SCHECHNER, Richard. O Que é Performance. *In: O Percevejo. Revista de Teatro, Crítica e Estética. Estudos da Performance.* Programa de Pós-Graduação em Teatro. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2003.

TAVARES, Júlio César de Souza. *Dança da Guerra: Arquivo – Arma.* Brasília: Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, 1984.